Cairu em Revista
Sociedade, Educação Gestão e Sustentabilidade
ISSN 2237-7719

Número Especial Comemorativo
20 anos do Curso de Pedagogia da Cairu

INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS DO COMPONENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTUDANTES COM DISLEXIA DO 3° E 4° ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Tatiane Santos Ferreira [1]

Cesar Costa Vitorino [2]

Resumo: Este artigo é parte de uma investigação realizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da primeira autora, no curso de Licenciatura em Pedagogia, da Fundação Visconde de Cairu (FAVIC), tendo o segundo autor como orientador. A dislexia é um transtorno que impacta na aquisição de habilidades de leitura e escrita, com foco nos desafios enfrentados por estudantes disléxicos nos 3º e 4º anos do ensino fundamental I, que têm entre 8 e 9 anos no contexto brasileiro, e explora os efeitos na inserção social. O objetivo geral consistiu em identificar instrumentos pedagógicos que atendam às necessidades desses estudantes, com ênfase na língua materna, visando uma educação mais respeitosa e significativa. Propõe-se uma mediação por meio de instrumentos que reconheçam e respeitem sua individualidade. A metodologia adotada é exploratória, baseada em levantamento bibliográfico. A pesquisa ressalta a importância de instrumentos pedagógicos adequados, de identificação precoce e de colaboração da equipe multidisciplinar, enfatizando a importância de abordagens personalizadas para possibilitar que o discente disléxico supere os desafios e alcance seu potencial máximo.

Palavras-chave: dislexia; estudante; ensino e aprendizagem; língua portuguesa.

Abstract: This article is part of an investigation carried out as part of the first author's Course Conclusion Work (TCC) in the Pedagogy Degree course at the Fundação Visconde de Cairu (FAVIC), with the second author as her advisor. Dyslexia is a

[1] Pedagoga pela Fundação Visconde de Cairu, professora de educação infantil, professora de acompanhamento individual pedagógico, tatiianesantos30@gmail.com.

[2] Doutor em Letras, Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC/UNEB), Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES/UNEB), Professor lotado no Colegiado de Letras Vernáculas, UNEB /DCH I- Salvador – Bahia, Professor Doutor II, Colegiado de Pedagogia, da Fundação Visconde de Cairu (FAVIC), cesar@cairu.br.

disorder that impacts on the acquisition of reading and writing skills, with a focus on the challenges faced by dyslexic students in the 3rd and 4th years of elementary school, who are between 8 and 9 years old in the Brazilian context, and explores the effects on social inclusion. The general objective was to identify teaching tools that meet the needs of these students, with an emphasis on mother tongue, with a view to a more respectful and meaningful education. Mediation is proposed using tools that recognize and respect their individuality. The methodology adopted is exploratory, based on a bibliographic survey. The research highlights the importance of appropriate teaching tools, early identification and the collaboration of the multidisciplinary team, emphasizing the importance of personalized approaches to enable dyslexic students to overcome challenges and reach their full potential.

Keywords: dyslexia; student; teaching and learning; Portuguese language

1 INTRODUÇÃO

A dislexia é transtorno de aprendizagem específica, caracterizada pelos comprometimentos neurológicos, os quais resultam nos traços de dificuldades da aquisição das habilidades de leitura, de soletração, linguagem social e escrita. Em consonância, Dehaene (2012) é de opinião favorável que a dislexia apresenta uma grande singularidade, visto que cada sujeito disléxico pode apresentar desafios diferentes, embora a principal adversidade seja na aprendizagem da leitura, consequentemente escrita e ortografia.

De acordo com Mortatti (2018), o desempenho não esperado da criança nas habilidades leitura e escrita dificulta na sua inserção social. Ou seja, indivíduo que possui esse transtorno perpassa por várias circunstâncias de esforço e tensão, no propósito de ofertar a sua melhor atuação, tornando-se a condição emocional do aluno mais vulnerável, já que as situações emocionais e cognitivas das dislexias estão sempre interligadas ao processo do ensino e aprendizagem.

Dentro do cenário brasileiro, pelo menos, pelos pela seleção feita pela discente pesquisadora, nem todos os professores e instituição de ensino estão capacitados para trabalhar com uma criança com dislexia, o que termina por potencializar situações de desinteresse, desmotivação e baixa autoestima desse aluno neuro atípico, sobretudo, na área da Língua Portuguesa, tendo em vista que é uma matéria de maior complexidade para o perfil do estudante disléxico. Essa realidade é um reflexo de uma educação carente de formações continuadas acerca da modalidade inclusiva, principalmente, ausências de instrumentos pedagógicos.

Acredita-se, então, que a presente pesquisa se justifica pela promoção da visibilidade ao acolhimento do estudante neuro atípico, respeitando as suas demandas e as dificuldades enfrentadas na matéria de Língua Portuguesa, propondo uma mediação por meio de instrumentos que legitimem sua individualidade. Diante deste contexto, expõe-se a questão norteadora desta pesquisa: quais instrumentos pedagógicos atendem assertivamente às demandas dos estudantes com dislexia nos, 3º ao 4° anos do Ensino Fundamental I e aprendizagem significativa do componente curricular de língua portuguesa?

Sendo assim, o objetivo geral tentou identificar instrumentos pedagógicos que atendam às necessidades desses estudantes, com ênfase na língua materna, visando uma educação mais respeitosa e significativa. Os objetivos específicos, por sua vez, trouxeram como intenção: I) discutir o conceito de dislexia e procedimentos pedagógicos para a identificação; II) refletir como o componente de língua portuguesa se apresenta na Base Nacional Comum Curricular; III) apresentar exemplos de práticas pedagógicas que sejam inclusivas e prazerosas para o processo de ensino e aprendizagem do estudante com dislexia na área da linguagem.

As revisões de literatura auxiliaram na condução de uma educação mais respeitosa e significativa para o aluno com o Transtorno de aprendizagem específica na leitura. Neste propósito, a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) contribui para a compreensão das diversas manifestações do transtorno, como também direciona para os procedimentos do reconhecimento da dislexia nas vidas dos estudantes e, sobretudo, nas orientações dos atendimentos para o tratamento da dislexia, o que possibilita a visibilidade do transtorno nos contextos social e escolar.

Faz-se breves ponderações sobre os pressupostos das práticas pedagógicas que o componente Língua Portuguesa apresenta, com apoio na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como o orientador legítimo dos assuntos pragmáticos e competências se esperam do estudante nas etapas das modalidades da Educação Básica. A BNCC atribui à matéria de Língua Portuguesa como meio para ampliação do letramento, possibilitando a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. Vale ressaltar que muitos pesquisadores da área de linguagem, quase sempre, manifestam alguns pontos de discordância em relação à BNCC.

Já o instrumento pedagógico é a mediação entre o aprendiz com dislexia e aprendizagem da língua materna, e essas ferramentas educacionais adequada com o público que desempenham um papel essencial no processo de ensino, contribui para garantir que a aprendizagem seja uma experiência enriquecedora e sem obstáculos. Segundo Friedrich (2012) quando esse recurso empregado de maneira eficaz, esses recursos têm o poder de transformar a sala de aula em um ambiente inspirador, um meio que permite que os alunos tenham influência sobre seu próprio processo de aprendizagem, autorregulem e controlem seu próprio progresso. Isso, por sua vez, motiva os alunos a explorar, fazer perguntas e, o mais importante, a adquirir conhecimento de maneira significativa.

A metodologia dessa pesquisa tem cunho exploratório com apoio de levantamento bibliográfico. Essa metodologia, de acordo com Gil (2002), tem como finalidade uma maior relação com a problemática, tornando-a mais explícita e cognoscível. Na verdade, a pesquisa bibliográfica desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento em diversas áreas do saber, fornecendo uma base sólida e abrangente para a construção de novos e estudos. Ao revisar e analisar as obras já existentes a respeito da dislexia, adquiriremos um pouco mais de compreensão sobre as práticas pedagógicas existentes para o estudante disléxico, identificando lacunas, tendências e debates existentes na literatura. Dessa forma, a importância da pesquisa bibliográfica reside não apenas na revisão da produção acadêmica prévia, mas também na promoção da inovação, no estabelecimento de conexões interdisciplinares e na construção de um conhecimento mais robusto e embasado.

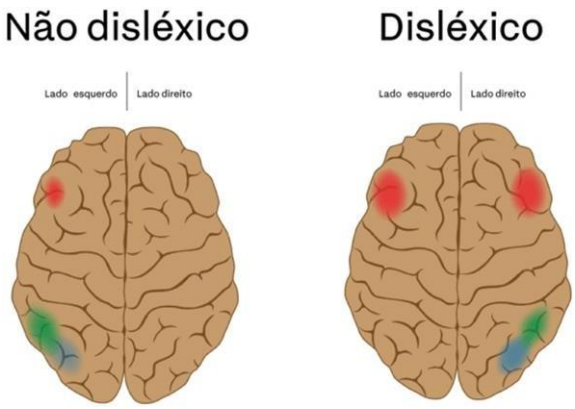
2 DISLEXIA: MUITO MAIS DO QUE SÓ UMA DIFICULDADE DE LEITURA

A dislexia pode ser compreendida como uma dificuldade de leitura e, consequentemente, de escrita. O próprio Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), que apresenta os traços dos transtornos e das síndromes, a princípio caracteriza a dislexia como um transtorno específico de aprendizagem, com atraso na aquisição das habilidades cognitivas básicas, em relação à idade esperada. Entretanto, mediar um estudante com dislexia, é

compreender a integridade dessa disfunção, e, como ela influência nos aspectos escolares, sociais e emocionais.

A princípio, entraremos nos estudos do funcionamento do cérebro disléxico, sendo de origem genética ou adquirida, de cunho neurobiológica, o Dehaene (2012) apresenta as regiões que mais são comprometidas, a parte lateral do córtex temporal e uma área mais inferior no campo temporal, que faz parte da via visual ventral. Uma das funções associadas à região temporal é o processamento das informações fonológicas da fala – implicando em dificuldades desproporcionais na consciência dos sons das palavras, e, consequentemente, na aprendizagem do código alfabético. Essas dificuldades fonológicas, por sua vez, impediriam a área occipital-temporal ventral esquerda, onde ocorre o processamento visual das palavras, de adquirir as habilidades necessárias. Como pode-se identificar as diferenças entre o cérebro com disléxicos e do neuro típico, na imagem abaixo.

Figura 1 - Descrição do cérebro



Fonte: Guimarães (2020).

Diante da observação da imagem, as áreas em destacadas de verde e de azul, respectivamente, são nomeadas o córtex parietal e o córtex temporal, que no cérebro disléxico apresentam disparidades no funcionamento, comprometendo a conectividade das áreas envolvidas no processamento da linguagem. Além disso, na área destacada em vermelho, nomeada por córtex frontal apresenta ativação cerebral durante tarefas de leitura difere entre disléxicos e não disléxicos, com uma maior ativação compensatória em áreas não habitualmente associadas à leitura.

É importante notar que os traços e a gravidade da dislexia podem variar de pessoa para pessoa, e a avaliação adequada é fundamental para entender e

abordar as necessidades individuais. Conforme Lima, Salgado e Ciasca (2010) os sinais que podem apresentar nos eixos de oralidade, leitura escrita no período escolar.

Diante das individualidades que a dislexia pode apresentar, observa-se que há traços que se manifestam nas diferentes fases da vida da pessoa com o transtorno. Na segunda infância, por exemplo, os primeiros evidentes podem incluir a dificuldades no reconhecimento de rimas, na identificação de letras ou na associação dos sons a letras.

À medida que as crianças entram na terceira infância podem enfrentar problemas para aprender a ler e escrever, cometendo erros frequentes na leitura de palavras, invertendo letras ou sílabas, e demonstrando lentidão na leitura em comparação com seus colegas. Além disso, a dificuldade em compreender o significado das palavras lidas e dificuldades na ortografia são comuns. Já na adolescência e na idade adulta, afetando a fluência na leitura em voz alta, a compreensão de textos escritos e até a mesma organização de informações, tanto na escrita ou na oralidade.

Mesmo diante dos sinais claros do transtorno de aprendizagem específico, é impossível criar um perfil único abrangente para os estudantes com dislexia. Segundo Rodriguez (2023) a dislexia é caraterizada por três graus, a saber, severo, moderado e leve, por isso, adentra em várias individualidades, os diversos traços podem apresentar intensificação diferente, ou seja, dois estudantes podem apresentar o mesmo diagnóstico da dislexia, mas com proporções dos sinais desiguais.

Além do grau, tem os tipos dislexia, a pesquisadora Border (1971) descobriu três grupos: dislexia visual, dislexia auditiva e dislexia mista. A primeira, apresenta disfunção nas assimilações visuais, em sequenciar as letras do alfabeto e as letras nas palavras, na análise e sínteses espaciais, como também, compreender instruções passadas por escrito. Já a segunda, é a disfunção nas assimilações auditivas, apresenta adversidades no processo de decodificar, ao mudar a ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos e substituição, ademais, não reconhece os sons iniciais e finais de palavras que são iguais. E a terceira, e última, a dislexia mista, apresenta disfunção nas assimilações visuais e auditivas.

Vitorino, Vitorino e Amorim (2021) ratificam que a dislexia refere-se a uma alteração do neurodesenvolvimento de origem biológica relacionada a manifestações comportamentais e necessita apoio de uma equipe multidisciplinar com propostas interventivas que possam ajudar a realizar várias atividades com a leitura, a escrita e a socialização. Na pesquisa – ação, subsidiada em Thiollent (2011), os resultados e discussões apresentaram respostas de 109 (cento e nove) professores do território baiano que responderam ao questionário através da plataforma Google Forms. Os pesquisadores chegaram à conclusão que as dificuldades de aprendizagem dos disléxicos estão associadas a uma incapacidade ou impedimento principalmente na aquisição efetiva da leitura, da escrita, bem como no desempenho de outros aspectos da vivência social seja de crianças, jovens ou adultos. Ocorre que os professores e demais profissionais precisam ser pessoas que atuem como incentivadoras demonstrando apoio e entusiasmo com os disléxicos com suas conquistas e vitórias.

Logo após observar as características individuais de cada discente com dislexia e suas vivências no contexto escolar, durante os estágios iniciais da alfabetização, são percebidas diversas áreas de desafio. Esses desafios são inicialmente reconhecidos como problemas e, posteriormente, são designados como traços, marcando o início do processo de diagnóstico. Conforme Jutel (2011) completa a dizer que a função do diagnóstico é nomear as narrativas de queixas e aflição, assim, permite-se à busca de estratégias de enfrentamento, direção do seu autoconhecimento.

O diagnóstico e o tratamento são feitos pelo acompanhamento multidisciplinar, sendo composto por neurologista, psicopedagogo, fonoaudiólogas, terapeutas ocupacionais, psicopedagogas e neuropsicólogas. Todos esses profissionais são da área da saúde, dessa forma, anuncia em consonância com Dockrell *et al* (2014), que a assistência dos transtornos de linguagens e aprendizagens específicos estão definidos como uma questão de saúde pública. Ou seja, a educação e a saúde, nesse caso, andam lado a lado, para proporcionar um processo mais acolhedor para o estudante/paciente.

De acordo com Figueira (2012), a dislexia não possui cura e não há medicamentos específicos para tratamento. Esse é um processo prolongado, e cada fase da vida requer uma intervenção específica, mudam principalmente capacitar o

disléxico a lidar com suas dificuldades e aprender a conviver com o transtorno. De acordo com Castellanos (2014) a vivência da dislexia desafia as normas que orientam as interações sociais. Nas situações enfrentadas, as normas influenciam as atitudes, emoções, expectativas e identidades ao longo da vida. A dislexia, em algumas pesquisas, é considerada como uma condição sem cura, o que proporcionar aflição por parte dos indivíduos neuro atípicos e seus responsáveis, com isso, o tratamento contínuo é categorizado como acolhimento para os envolvidos.

Se o disléxico não tiver a ajuda necessária, principalmente de uma equipe multidisciplinar (educador, psicólogo e psicopedagogo) pode acarretar consequências em sua autoconfiança, podendo repetir de ano e até desistir de ir à escola. Por isso, a importância de olhar os estudantes disléxicos de maneira integral, compreendendo-os contextos escolar, social, emocional.

3 BNCC: NO PRESSUPOSTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo, conforme o Ministério da Educação (2017), define o conjunto direitos de aprendizagem para todos as estudantes brasileiras nas modalidades da Educação Básica, estipula conhecimentos, competências e habilidades para cada etapa na escola. Fundada pelos parâmetros éticos, políticos, no caminho para a formação integral do cidadão, na construção sociedade justa, democrática e inclusiva. Assegurado pela

> […] política de Estado desde a Constituição Nacional de 1988, passando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e pelo Plano Nacional de Educação e, de certa forma, precedida há duas décadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. […]. (Menezes, 2022, p. 9)

A BNCC está dividida em anos iniciais, Ensino Fundamental I, anos finais, no ensino fundamental II, e Ensino Médio. Sendo uma norma organizada em competências, que são caraterizadas por gerais e específicas. A competências gerais devem ser formadas durante toda a Educação Básica e proporciona ao estudante o direito às aprendizagens fundamentais. As competências específicas

reiteram para cada área do conhecimento, sejam elas linguagens, matemática, ciências humanas e ciências da natureza.

No que diz respeito ao transtorno mencionado, a BNCC dedica uma seção voltada para uma educação pautada na igualdade, diversidade e equidade, conhecida como Pacto Inter Federativo, conforme estabelecido na sua implementação (BRASIL, 2017). Destacando a responsabilidade para com os alunos que têm alguma deficiência, ela “sugere” a adoção de práticas pedagógicas inclusivas e ajustes curriculares, se necessários, conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei n.º 13.146/201514. Não há uma abordagem específica destinada apenas a estudantes com dislexia.

Entretanto, afirmaram Teixeira e Branco (2021) uma carência desse documento, diante da consideração da diversidade local, mesmo que os termos de igualdade e justiça social pareçam promissor. A ideia é que os estudantes de diferentes regiões do Brasil e instituições tenham uma base educacional equivalente, entram em paradoxo, quando interesses externos e motivações financeiras prevalecem sobre os interesses sociais, é difícil ignorar a realidade às disputas políticas e empresariais. Em resumo, a nobre intenção de um currículo unificado muitas vezes é obscura pelos interesses que dominam o cenário educacional.

Ademais, o objetivo da BNCC é assegurar ao estudante a vivência dos conhecimentos da alfabetização, de Língua Portuguesa. Partir, de diretrizes claras e metas para a educação. A BNCC enfatiza não apenas a alfabetização em termos de habilidades de leitura e escrita, mas também o desenvolvimento de competências críticas, como a compreensão de textos, a análise crítica e expressão escrita e oral. Isso capacita os aprendizes a se tornarem leitores e escritores eficazes, capazes de aplicar suas habilidades em diversas situações. Assim, a norma estabelece competências específicas desse componente curricular para orientador o docente ao uma prática pedagógica integradora.

A Língua Portuguesa é uma das áreas do conhecimento que pauta conforme Menezes (2022) eixos Leitura, eixo Produção de Textos, o eixo Oralidade e o eixo Análise Linguística/Semiótica, sendo que o último terá maior presença na fase final do Ensino Fundamental. As práticas diversificadas dos professores que atuam na fase de alfabetização quando são exitosas ajudam muito na continuidade da escolarização. Diante das competências específicas e os eixos apresentados, os

instrumentos pedagógicos devem ser aliados com estágio de desenvolvimento do estudante e com os pressupostos da BNCC na área da língua portuguesa.

4 INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS: RUMO A UMA APRENDIZAGEM SEM CICATRIZES

Os instrumentos pedagógicos quando bem utilizadas direcionam o caminho para uma aprendizagem sem cicatrizes. Essas ferramentas conseguem transformar a sala de aula em um ambiente estimulante, "[…] um meio de influência do sujeito sobre si, um meio de autorregulação e de autocontrole" (Friedrich, 2012, p. 57). Dessa forma, os aprendizes são incentivados a explorar, questionar e aprender significativamente, da tecnologia moderna aos métodos tradicionais de ensino, cada instrumento pedagógico desempenha um papel único no desenvolvimento dos alunos.

Nas situações em que os instrumentos pedagógicos tornam ferramentas ativas por meio de atividades e orientação, eles auxiliam os indivíduos a atingir seus objetivos. E cabe fazer as adaptações que mais se satisfaçam as demandas do estudante com dislexia, estando a cursar o 3.º ano ou 4.º ano do ensino fundamental I. Mediante a isso, existem algumas individualidades que são gerais aos perfis das "dislexias", como as fontes das letras, devem ser critérios para a escolha dos instrumentos pedagógicos. Pois, as fontes de traços muito finos e muitas pontas acaba dificultando a decodificação dos discentes disléxicos, abre-se margem para os erros na leitura.

4.1 Leitura sem medo

No início da alfabetização, a leitura pode se tornar uma tarefa desafiadora para os estudantes disléxicos, já que a codificação e decodificação de palavras e textos demandam mais esforço. Contudo, com a devida mediação e o uso de instrumentos adequados, os alunos podem adquirir essa habilidade. Entretanto, ao chegarem nos 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I, novas dificuldades emergem, especialmente na compreensão da leitura, devido à lentidão e baixa exatidão na leitura de palavras. Assim, é crucial que os docentes se esforcem em apresentar

estratégias flexíveis e direcionadas por meio de instrumentos pedagógicos, criando um ambiente inclusivo de aprendizado que capacita esses estudantes a superar obstáculos e alcançar sucesso acadêmico, fortalecendo sua autoestima e confiança no processo de aprendizagem.

É fundamental que os professores criem um ambiente acolhedor que encorajem os estudantes a se engajarem ativamente na escola. Seguindo as orientações de Antunes et al (2015), a seleção cuidadosa de livros da biblioteca, espaços de leitura na sala de aula ou disponíveis em formato digital para leitura individual é uma estratégia eficaz. Incentivar os alunos a compartilhar suas opiniões após a leitura promove a compreensão e contribui para um ambiente de aprendizado positivo. Reservar aproximadamente vinte minutos diários para a interação com a literatura, seja através de espaços dedicados como cantinhos de leitura ou atividades como o varal de livros, também é recomendado. Os professores devem guiar os alunos na escolha dos livros, levando em conta seus interesses individuais, e estar prontos para apoiá-los na superação de desafios durante a leitura, garantindo uma experiência enriquecedora e inclusiva de aprendizado.

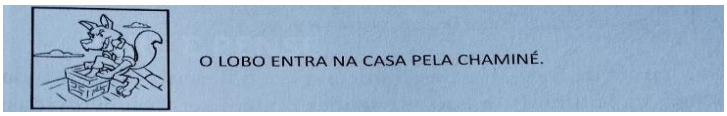
4.1.1 Tipos de leitura: compartilhada, coro, dialogada.

Desenvolver fluência no texto é fundamental, pois a fluência na leitura desempenha um papel crucial na compreensão eficaz. Quando os leitores alcançam fluência, são capazes de percorrer o texto de maneira rápida e fluida, permitindo que direcionem sua atenção para a compreensão do conteúdo em vez de se concentrarem na decodificação das palavras. Segundo Soares (2021), a fluência na leitura envolve o reconhecimento rápido e preciso de palavras e frases, mantendo um ritmo e entonação apropriados, tudo baseado na compreensão do texto. Os sinais de pontuação desempenham um papel significativo na orientação da fluência na leitura, pois indicam pausas e entonação. Portanto, é essencial que os professores orientem os alunos sobre essas características linguísticas. Além disso, é importante realizar atividades regulares para melhorar a fluência na leitura de textos, adaptadas ao nível e complexidade da turma, pelo menos duas vezes por semana.

Dentre as dinâmicas propostas por Soares (2021), para aprimorar a fluência na leitura, destacam-se a leitura compartilhada, onde o professor lê o texto em partes e os alunos repetem; a leitura em eco, na qual todos os alunos leem o texto em voz alta simultaneamente, seguindo a orientação do professor; e a leitura dialogada, em que o professor atribui falas a grupos de alunos para que leiam as partes designadas do texto. Essas abordagens criam um ambiente mais acolhedor para os estudantes disléxicos, pois eles não estão sozinhos na atividade e não se sentirão coagidos, pois têm colegas ou um grupo para ajudá-los. Isso é diferente de simplesmente entregar um texto que pode estar além do nível deles e pedir para ler em voz alta sem uma preparação prévia do mediador.

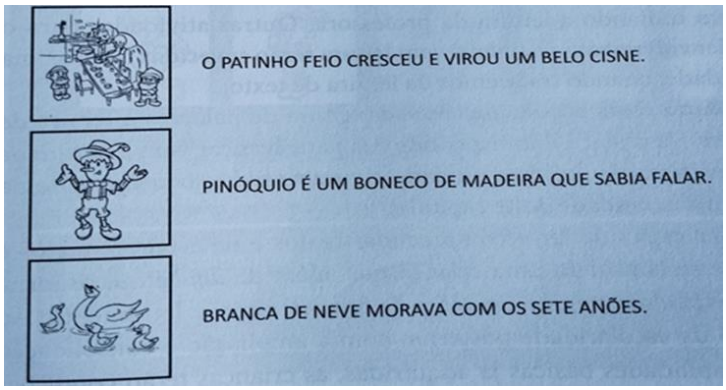
Sugestão de instrumentos prático e interativo em consonância com literatura Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever de Magda Soares (2021), o professor pode retirar frases do texto lido pela turma, inserido em atividade que use a imagens como suporte para compreensão, como podemos ver nas figuras 2 e 3 . Há concordância por parte docentes Lagoa Santa–MG, sob orientação da saudosa educadora e pesquisadora Magda Soares que esse tipo de atividades não apenas torna a leitura mais agradável, mas também facilita a compreensão e a retenção de informações, a conexão de ideias e o desenvolvimento de habilidades críticas de pensamento.

Figura 2: Ler a frase ao lado do desenho



Fonte: Soares (2021)

Figura 3: Ligar cada frase à figura correspondente



Fonte: Soares (2021)

A inclusão de elementos visuais é uma ferramenta crucial para os alunos com dislexia, pois ajuda a melhorar a compreensão do texto, permitindo que eles tirem mais benefícios da leitura. Quando o leitor estabelece uma conexão profunda e pessoal entre o texto e sua própria experiência, ele se sente capacitado e confiante. Quanto mais significativo essa ligação se tornar, maior será o prazer de ler, o que desempenha um papel crucial no processo de formação do leitor.

4.1.2 Jogo da leitura

Identificar a ideia central do texto e demonstrar compreensão global são habilidades críticas na leitura e interpretação de informações escritas. Quando os leitores conseguem identificar a ideia central, podem relacionar as informações específicas a um contexto mais amplo, o que facilita uma compreensão mais profunda e a capacidade de sintetizar o conteúdo.

Essa habilidade não apenas promove uma leitura mais eficaz, mas também ajuda a formar uma base sólida para a análise crítica e a tomada de decisões informadas com base no conteúdo lido. No caminho para dinamizar vivência de dificuldade na compreensão dos aprendizes disléxicos, o jogo será uma ótima opção, de acordo com Kishimoto (1999), o uso de jogos educativos na sala de aula geralmente vai além de simples brincadeiras, sendo transformado em uma ferramenta de aprendizagem. Para o jogo ser uma instrumentos lúdica de ensino, e não uma tarefa obrigatória para a criança, é necessário possibilitar diversidades de jogo para o estudante, com o qual, ele se sinta motivado, autônomo para conduzir sua própria participação, sem se sentir pressionado pelas regras exigidas pelo professor.

Compreendendo-se a importância desse instrumento pedagógico, a próxima descrição de atividade será um jogo, com objetivo de estimular a releitura de livros literários e praticar o discurso argumentativo.

Em conformidade com a obra Jogos nas aulas de português: linguagem, gramática e leitura de Almeida (2013), o jogo de leitura é estrutura da seguinte forma, a turma é separa em grupos, em cada rodada será escolhido um livro ou um texto de diferentes gêneros textuais para serem lidos pela sala.

E o professor fará perguntas de compreensão e interpretação do texto escolhido. Para deixar mais divertido, será distribuída placas para cada equipe, que contará com a informação: “um ponto extra” e “ponto dobrado”, ou seja, durante a roda os estudantes podem escolher uma pergunta que usará as placas, elas só poderão usar uma vez durante a rodada. Seja necessário a uma roda de conversa anteriormente sobre os livros e textos lidos, para aferir os conhecimentos prévios por meio da oratória. A equipe que fará mais pontos ganhará.

Para muitos indivíduos com dislexia, a oratória muitas vezes se revela mais acessível do que a escrita ou a leitura. Isso ocorre porque a dislexia está relacionada principalmente à dificuldade de processamento de símbolos escritos, como letras e palavras, tornando a leitura e a escrita desafiadoras.

No entanto, a oratória permite que essas pessoas expressem as suas ideias de forma mais fluente, contornando as barreiras associadas à dislexia. Ao falar, utiliza uma linguagem de forma mais dinâmica, aproveitando seu potencial criativo e comunicativo sem se preocupar com a decodificação de palavras escritas. Isso não apenas melhorou a autoconfiança, mas também oferece uma plataforma para compartilhar conhecimento e se destacar em situações de comunicação oral, demonstrando que a dislexia não é um impedimento para a expressão e a comunicação eficaz.

4.2 Ortografia: amiga ou inimiga?

No dicionário Aurélio (2019) encontramos a definição de ortografia como a parte da gramática que engloba as normas e princípios que orientam a escrita correta das palavras, abrangendo aspectos como acentuação, pontuação e o uso da crase. Essa contextualização é frequentemente vista como uma aliada e, às vezes, como uma inimiga na jornada da comunicação escrita.

Por um lado, a ortografia desempenha um papel crucial na padronização da língua, permitindo que diferentes pessoas os entendam com mais facilidade. No entanto, as regras ortográficas também podem ser um desafio, provocando dúvidas e erros que podem prejudicar a clareza da mensagem. Portanto, a ortografia pode ser tanto uma amiga, para facilitar a compreensão mútua, quanto uma inimiga, ao exigir atenção e prática para dominá-la plenamente. É importante encontrar um

equilíbrio entre o respeito pelas regras e compreensão das nuances que tornam a língua rica e específica.

Existem duas categorias ortográficas que o discente enfrenta para aprender, são os irregulares e regulares. Segundo Morais (2010) contempla ortografia irregular como o uso de uma determinada letra ou combinação de letras em palavras é baseada principalmente na tradição de uso, ou na origem etimológica das palavras. O que significa que os aprendizes precisam memorizar a forma correta de cada palavra.

Na segunda situação, que envolve dificuldades ortográficas regulares, é possível antecipar a forma correta das palavras, mesmo que nunca tenhamos as encontradas antes. Isso ocorre porque há um conjunto de regras ou princípios subjacentes que se aplicam a vários, ou até mesmo a todos, as palavras na língua que apresentam a mesma dificuldade ortográfica. Compreender o que é considerado regular e irregular em nossa ortografia é crucial para os professores planejados para o ensino eficazmente.

4.3 Formação continuada: professor sempre será um estudante

A educação é um processo contínuo, ela sempre está em movimento e transformação, dialogando com os fatores histórico, social, cultural e geográfico. Logo, professores estão sempre envolvidos na reflexão sobre sua dinâmica de "construiu e se reconstruiu constantemente durante toda a vida profissional […] em relação com a teoria e a prática" (Imbernón, 2011, p.31), para assim, desenvolver uma pedagogia mais consciente e comprometida com as realidades dos educandos.

A Pedagogia é uma área do conhecimento que se concentra em examinar de forma sistemática como o ensino e a aprendizagem ocorrem na prática, considerando as diversas situações e a influência do contexto histórico. Conforme Pimenta (1994) a formação continuada ajudará a comunidade escolar aprimorar a maneira ensinam e aprendem, em diálogo comas transições cometidas nas sociedades, na educação.

A reflexão é essencial para uma abordagem educacional comprometida com a humanização e a integralidade do ensino. Para alcançar essa consciência, é fundamental que o educador se distancie e compreenda o contexto em que a

educação está inserida. Assim, o professor poderá assumir um compromisso autêntico.

Os desafios na sala de aula são variados, portanto, é imprescindível que o profissional adote uma postura de curiosidade, esteja atento à escuta e compreenda as individualidades dos alunos. No caso do estudante com dislexia, é crucial que o professor compreenda e auxilie na superação das adversidades presentes em sua aprendizagem. Mesmo que seja desafiador, o discente com neurodivergência se sentirá parte integrante desse ambiente de aprendizagem.

Segundo Freire (1996), o ato de ensinar vai além da simples transferência de conhecimento. Envolve uma compreensão profunda desse conhecimento por parte do professor e dos educandos, abrangendo reflexão sobre o ser, implicações políticas, dimensões éticas, fundamentos epistemológicos e estratégias pedagógicas. Além disso, requer que esse conhecimento seja continuamente demonstrado e experimentado na prática.

Pode-se afirmar, ainda, que a formação continuada dos professores desempenha um papel circunstancial na promoção de uma educação inclusiva de qualidade. Ela ajuda a preparar os educadores para enfrentar os desafios da diversidade na sala de aula e a criar ambientes de aprendizagem que atendam às necessidades de todos os alunos, contribuindo assim para uma sociedade mais inclusiva e justa.

5 ARREMATANDO

Esse trabalho pretendeu entender sobre os instrumentos pedagógicos aplicados ao ensino da Língua Portuguesa para estudantes com dislexia principalmente nos 3° e 4° anos do ensino fundamental I, a partir de exploratória com apoio de levantamento bibliográfico. Algumas vezes essas reflexões também podem ser apreciadas e/ou acatadas por docentes que lecionas nos 4º, 5º e 6º anos. Tudo é uma questão de fazer adaptação de atividades para contribuir com a efetiva aprendizagem da leitura e da escrita com estudantes disléxicos.

Destacou-se a necessidade de atenção às individualidades dos estudantes disléxicos para proporcionar uma educação eficaz e inclusiva. Apesar dos desafios apresentados pela dislexia, o estudo indicou que abordagens pedagógicas

específicas podem amenizar essas dificuldades, portanto, o corpo docente e as instituições de ensino devem considerar as dificuldades dos discentes neuro divergentes nas esferas históricas, sociais e escolares.

Sendo assim, diante da questão de pesquisa: *quais instrumentos pedagógicos atendem assertivamente às demandas dos estudantes com dislexia no 3.º ao 4° ano do Ensino Fundamental I do componente curricular de língua portuguesa?* percebe-se que a aprendizagem significativa apresenta exemplos de práticas pedagógicas inclusivas e prazerosas no processo de ensino e aprendizagem para estudantes com dislexia.

Fazem parte desses exemplos a abordagem eficaz de incluir a adaptação de materiais de leitura para fontes acessíveis, como fontes legíveis, espaçamento adequado e uso de núcleos. Além disso, a incorporação de atividades que estimulam a compreensão por múltiplas modalidades, como leituras em voz alta compartilhada com a turma, seguidas de investigação, jogos de palavras e atividades de narrativa, pode tornar o aprendizado mais envolvente e significativo.

Ademais, não só é importante, como também tem amparo legal o fornecimento de tempo adicional para tarefas de leitura e escrita e oferecer suporte individualizado. Essas práticas não atendem apenas às necessidades específicas dos aprendizes com dislexia, mas também promovem um ambiente educacional inclusivo e enriquecedor para todos os estudantes.

Durante a realização desta pesquisa ficou evidente para a pesquisadora que a utilização de instrumentos pedagógicos adequados, como materiais didáticos adaptados e estratégias de ensino flexível, é essencial para o progresso e o desenvolvimento da autoestima dos estudantes com dislexia. Essas abordagens não apenas facilitam a aquisição de habilidades linguísticas, mas também promovem um ambiente de aprendizagem inclusivo e democrático.

Os instrumentos de coleta dos dados permitiram discutir que o conceito de dislexia e os procedimentos pedagógicos para a identificação são essenciais para abordar de maneira holística às necessidades de indivíduos com dislexia, tanto singulariza como universaliza.

Essa pesquisa contribui, na concepção da pesquisadora, para o alinhamento do ensino da língua com as necessidades contemporâneas e as metas educacionais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir de um olhar crítico,

promovendo a formação de cidadãos competentes na leitura, escrita e interpretação, capazes de participar ativamente na sociedade, dialogando com as demandas e ansiedades do indivíduo disléxico. Há um pouco de avanço porque o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica e que possibilita o acesso ao ensino superior, já dispõe orientações numa cartilha de orientação para correção de parte discursiva de candidatos que durante a inscrição para o exame apresentem laudo médico atestando a dislexia.

Em pesquisas futuras, pode-se enfatizar a importância de políticas educacionais inclusivas que garantam igualdade de oportunidades para todos os estudantes, independentemente de suas diferenças de aprendizado. Também a necessidade de legitimação e de ressaltar a relevância que um professor tem nas histórias dos estudantes disléxicos, esse profissional que possibilitará abordagem personalizada no ensino da Língua Portuguesa, resultando-se na capacitação esses alunos a superar os desafios associados à dislexia e atingir seu potencial máximo.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. C. S. **Jogos nas aulas de português**: linguagem, gramática e leitura. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

American Psyquiatric Association. (DSM-5). Washington: APA; 2014.
ANTUNES, W. de A. et al. **Lendo e formando leitores**: orientação para o trabalho com a literatura infantil. Programa Se liga e Acelera Brasil, 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA – ABD**. Informações estatísticas - 2013a2021**. São Paulo: centro especializado em distúrbio de aprendizagem – CEDA, 2023. Disponível em: https://www.dislexia.org.br/wp-content/uploads/2017/10/ABD-Informa%C3%A7%C3%B5es-estat%C3%ADsticas-2013-a-2021-.pdf.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA – ABD. **Como é feito a intervenção?** 2016 Disponível em: https://www.dislexia.org.br/como-e-feita-a-intervencao/ Acesso em: 15 ago. de 2023.

BRASIL. Associação Brasileira de Dislexia. **A dislexia do desenvolvimento**. São Paulo: ABC, 2015. Disponível em: Disponível em: http://www.dislexia.org.br.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**: educar é a base. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 24 set 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC 3ª versão homologada. Brasília, DF, 2017.

BRANCO, J. C. S. TEXEIRA, P. C. **BNCC**: Convergências e Divergências. Ensino, Educação e Ciências Humanas, Minas Gerais, v.22, n.5-esp, P.693-701, 2021.

CASTELLANOS, M. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. *In*: Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1065-76, 2014.

DSM-IV-TR. Laboratório de Pesquisa em Dificuldades. Distúrbios de Aprendizagem e Transtornos da Atenção (DISAPRE). Campinas/SP; Mestrando em Ciências Médicas na Universidade Estadual de Campinas. In:_____. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2002.

DSM-IV-TR. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

DOCKRELL J, LINDSAY G, ROULSTONE S, Law J. **Supporting children with speech, language and communication needs**: an overview of the results of the Better Communication Research Programme. Int J Lang Commun Disord. 2014 Sep-Oct;49(5):543-57. doi: 10.1111/1460-6984.12089.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explicar a nossa capacidade de ler/ Stanislaw DEHAENE. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. . Porto Alegre: Penso, 2012.

FIGUEIRA, G. L. M. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia.** Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf. Acesso em 2 de out. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRIEDRICH, J. Lev Vigotski. **Mediação, aprendizagem e desenvolvimento.** Campinas: Mercado de Letras, 2012.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=%20Jogos,%20brinquedo,%20brincadeira%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o. Acessado: 12 de set. 2023.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: EDITORA ATLAS S.A. 2002.

GUIMARÃES, R. **Curso de inglês para disléxicos**: tudo o que você precisa saber. Spindow, 2020, p.1. Disponível: https://spindow.com.br/curso-de-ingles-para-dislexicos-tudo-o-que-voce-precisa-saber/. Acesso em 16 de set 2023.

INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION et al. **Dyslexia in the classroom**: what every teacher needs to know. Recuperado de IDA website https://dyslexiaida. org/wp-content/uploads/2015/01/DITC-Handbook. pdf, 2017.

JUTEL, A. **Classification, disease, and diagnosis**. Perspectives in Biology and Medicine, Baltimore, Maryland, USA, v. 54, n. 2, p. 189-205, 2011.

LIMA, R. F., SALGADO, C. A., CIASCA, S. M. **Dislessia Evolutiva**: aspetti neurobiologici ed educazionali. Rivista di Neuroscienze, psicologia e scienze cognitive, 1-15,2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Jogos de alfabetização**. Recife: CEEL, 2019.

MENEZES, L. C. **BNCC de bolso**: como colocar em prática as principais mudanças da educação infantil ao ensino fundamental. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.

MORAIS, A. G. **Ortografia**: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2010.cap. 1 p.25-35.

MORTATTI, M. R. O direito ao texto**.** In: MORTATTI, M. R. **Entre a literatura e o ensino**: a formação do leitor [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2018, pp. 131-141. Disponível em: 978-85-95462-85-4. https://doi.org/10.7476/9788595462854.0010. Acesso em: 13 ago. 2023.

PIMENTA, S. G.**O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode apresentar a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2021.

VITORINO, C. C.; VITORINO, M. C; AMORIM, I. B.de. **Dislexia**: equipe interdisciplinar, “orientação” para o fazer docente na sala de aula com atividades de leitura e de escrita. 2021, July 26. Even3 Publicações.

Waterford.org. **Why Multisensory Learning is an Effective Strategy for Teaching Students How To Read**. 2019 Disponível em <https://www.waterford.org/education/why-multisensory-learning-is-an-effective-strategy-for-teaching-students-how-to-read/> Acesso em: 05 set. 2023.